

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA INSTITUTO DE LETRAS DEPARTAMENTO DE
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS –
MSI

Ana Beatriz Arantes de Freitas Linhares

**Racismo e Xenofobia contra os povos hispano-americanos nas animações de longa-
metragem no Disney+**

ANA BEATRIZ ARANTES DE FREITAS LINHARES
PROFESSORA ORIENTADORA: SULAMITA BOMFIM ALMENDRA

**RACISMO E XENOFobia CONTRA OS POVOS HISPANO-AMERICANOS NAS
ANIMAÇÕES DE LONGA-METRAGEM NO DISNEY+**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para Obtenção do grau
de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas -
Multilinguíssimo e a Sociedade da Informação.

TÓPICOS

1.0 – RESUMO	4
2.0 – INTRODUÇÃO – TEMA E PROBLEMÁTICA	7
3.0 – O QUE É RACISMO?	7
3.1 – RACISMO CONSTITUCIONAL	8
3.2 RACISMO INSTITUCIONAL	9
3.3 - RACISMO ESTRUTURAL	9
4.0 – XENOFOBIA	10
5.0 – ESTEREÓTIPO OU REPRESENTATIVIDADE	11
6.0 – CONTEXTO HISTÓRICO	12
7.0 – FILMES COM MENSAGEM RACISTA NA PLATAFORMA DE STREAMING DISNEY +	13
7.1 – SALUDO AMIGOS	14
7.2 – A PRODUÇÃO DE FILMES COM PERSONAGENS HISPANO AMERICANOS	16
8.0 – MEDIDAS TOMADAS PELA PLATAFORMA	18
9.0 – ANIMAÇÕES QUE NÃO POSSUEM DISCLAIMER SOBRE MENSAGENS RACISTAS OU XENOFÓBICAS CONTRA OS POVOS HISPANO- AMERICANOS	19
9.1 – VIVA, A VIDA É UMA FESTA	20
9.2 – ENCANTO	23
10.0 – CONCLUSÃO	26
11.0 – REFERÊNCIAS	29

RESUMO

Neste projeto foi feita uma análise envolvendo o contexto histórico, produção e evolução da representatividade hispano-americana nas animações de longa-metragem do Disney+. Uma avaliação foi efetuada a respeito das pessoas e do resultado das obras a partir de 1942 até o ano de 2022, sendo feito um estudo nas obras “Saludo Amigos” (1942), “Viva, a Vida é uma Festa” (2017) e “Encanto” (2021), além de um adendo sobre personagens das animações de “Atlantis” (2001) e “Operação Big Hero” (2014). Ocorreu um desmembramento a respeito de como os personagens são retratados, de forma a encaixá-los em estereótipos dos seus países de origem ou ao representá-los como pessoas com complexidade e desenvolvimento sem se encaixar em pontos racistas ou xenofóbicos em sua produção. Os resultados mostram o avanço social e cultural presentes na rede de entretenimento nos filmes presentes na plataforma.

Palavras-Chave: Racismo; xenofobia; Disney+; contexto-histórico; hispano-americano; representatividade

ABSTRACT

This project made an analysis about historical context, production and evolution of Hispanic American representation over the featured film animations of Disney+. Done the evaluation about the people and results of the works from 1942 to 2022. A study was created out in the works of “Saludo Amigos” (1942), “Coco” (2017) and “Encanto” (2021), as well as an addendum on characters from the animations of “Atlantis” (2001) and “Big Hero Six” (2014). There was a detachment over the portrayal of the characters, and the way those fit within stereotypical image of their respective countries or by showing them as people with complexity and development without fitting a racist or xenophobic image during the production. The results show the social and cultural advance on the entertainment area present on the movies of the platform.

Key Words: Racism; xenophobia; Disney+; historical-context; Hispanic-American; representativeness.

RESUMEN

En este proyecto se realizó un análisis del contexto histórico, la producción y la evolución de la representación hispanoamericana en los largometrajes de animación de Disney+. Fue desarrollado una valoración sobre las personas y el resultado de los trabajos desde 1942 hasta el año 2022. Se realizó un estudio en las obras “Saludo Amigos” (1942), “Coco” (2017) y “Encanto” (2021), así como una adenda sobre personajes de las animaciones de “Atlantis” (2001) y “Grandes Héroe” (2014). Ocurrió un desmembramiento de cómo se retratan los personajes, para encajarlos en estereotipos de sus países de origen o de quien los representa. Como personas con complejidad y desarrollo sin encajar en puntos racistas o xenófobos en su producción. Los resultados muestran la promoción social y cultural presente en la red de entretenimiento en las películas presentes en la plataforma.

Palabras Clave: Racismo; xenofobia; Disney+; contexto histórico; hispanoamericano; representatividad.

INTRODUÇÃO

Nos últimos 79 anos, as animações de longa-metragem da plataforma Disney+ passaram por diversas mudanças sociais e culturais. Propositamente, a empresa se viu obrigada a abandonar princípios básicos com os quais compactuava perante um contexto histórico em que foi comum e bem-visto a utilização de racismo nas redes de entretenimento. Por esse motivo, diversas animações apresentam mensagens nocivas a diversos povos e culturas, mais especialmente, a negligência de uma empresa com alcance mundial ao retratar os países hispano-americanos. Mesmo sem intenção, ou com o objetivo de promover as culturas, é possível perceber a presença de ideais racistas e xenofóbicos contra esses povos desde sua primeira aparição no ano de 1942. Contudo, após tantos debates, movimentos e lutas por igualdade, a Walt Disney Company evoluiu com a sociedade, assim começando a produzir obras e personagens que abandonam os estereótipos e representações negativas, fazendo uma substituição por representações não-prejudiciais, além de também começar a trabalhar com pessoas qualificadas de origem hispano-americana para mais precisão ao se tratar de fidelidade cultural. O tema tratado, será abordado começando por explicar os fundamentos do racismo e da xenofobia, esclarecer a diferença entre representatividade e estereótipo, apresentar o contexto histórico das animações em questão e, por fim, avaliar tais animações e suas diferenças, além das ações tomadas pela empresa na sua plataforma de *streaming*.

O QUE É RACISMO?

De acordo com a advogada Tatiana Cendron Fortes Rabello, racismo é uma crença de superioridade de uma raça em relação à outra. Sua principal motivação são as características físicas e outros traços do ser humano, causando reações adversas e por vezes violentas.

Trata-se de uma opinião sobre uma raça humana levando a depreciar as demais, e, frequentemente, é violenta com relação a uma coletividade. Dessa forma, existe uma discriminação, seja de raças, seja pela religião, seja pela cor, seja pela etnia, etc. (RABELLO, 2014)

Segundo o pensamento racista, o valor de uma pessoa está diretamente relacionado à sua noção racial coletiva. Em outras palavras, uma pessoa racista acredita sem sombra de dúvidas que, por pertencer a certa raça, as outras à sua volta são inferiores, o que resulta em conflitos e ações desrespeitosas, que hoje são puníveis por lei de acordo com a Constituição brasileira.

Ainda segundo Rabello, existem definições mais específicas dentro do Racismo Constitucional. Stokley Carmichael e Charles Hamilton (1967) entram em detalhes em sua obra sobre Racismo Institucional tanto quanto Jurema Werneck (2013), com uma abordagem mais moderna, e como Sílvio Luís de Almeida (2019) explica em detalhes em sua obra “O que é Racismo Estrutural?”.

RACISMO CONSTITUCIONAL

Atualmente, o preconceito racial é ilícito, violando a ordem constitucional brasileira, ofendendo a dignidade da pessoa humana, o valor social do trabalho, a isonomia e a não discriminação.

No artigo “Mas afinal, o que é racismo?” (2014) de Rabello, ainda é abordada brevemente a amplitude de locais em que o racismo atinge pessoas que são ofendidas em qualquer lugar, locais públicos, seus trabalhos, suas escolas e sua vida pessoal.

O crime de racismo se encontra tipificado no artigo 20 da Lei nº 7.716/89, configurando uma ofensa que venha a menosprezar determinada raça, cor, etnia religião ou origem, prejudicando um certo número de pessoas. Relacionado à mesma, porém diferente, é o artigo 140, §3º do Código Penal, referente à injúria racial, que é a ofensa ou conteúdo discriminatório contra uma pessoa específica.

Independentemente de ser racismo ou injúria racial, o ofendido sofre dano moral, que, segundo Fabrício Zamproga, em “Dano Moral e Reparação” (1995, p. 15), se dá desde que a imagem da pessoa sofra depreciação gerando repercussão negativa. Desta forma, o dano moral causa a desvalorização no âmbito social, provocando reações externas como difamação e calúnia.

Continuamente, é determinado pela Declaração Universal dos Direitos do Homem, que protege os direitos dos seres humanos, que há condenação perante todo tipo de discriminação pela raça, sexo, nacionalidade, ou qualquer outra condição.

Em suma, atualmente, pessoas que sofrem alguma violência, seja física ou verbal, ou passam por uma discriminação racial, são protegidas por lei. Entende-se por isso que mensagens prejudiciais são condenadas e removidas do meio social em proteção a essas pessoas.

RACISMO INSTITUCIONAL

No ano de 1967, os autores ativistas Stokely Carmichael e Charles Hamilton definiram o conceito de Racismo Institucional como sendo uma injúria causada por uma organização: - "...trata-se da falha coletiva de uma organização em prover um serviço apropriado e profissional às pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica". (CARMICHAEL; HAMILTON, 1967, p.4. – Tradução autoral).

Já no ano de 2005, no Brasil, foi implementado o Programa de Combate ao Racismo Institucional (PCRI), que define o racismo institucional da mesma forma que Carmichael e Hamilton, adicionando ainda que ele se manifesta de forma a demonstrar comportamentos, normas e práticas discriminatórias adotados no cotidiano de trabalho, o que resulta em preconceito racial e estereótipo racista.

O resultado de racismo institucional é o posicionamento das vítimas em uma posição de desvantagem no acesso a benefícios gerados pelo Estado e por demais instituições e organizações.

Finalmente, apenas em 2013 o conceito de racismo institucional recebeu mais uma definição por Jurema Werneck. Ela o descreve como uma forma de sujeitar ao racismo os direitos e a democracia, assim minando seu poder até chegar a um ponto precário para que as barreiras promovidas sigam inalteradas e assim possam inibir grupos e indivíduos.

RACISMO ESTRUTURAL

O racismo estrutural deriva de anos de história. Por séculos, negros foram escravizados no Brasil, até que em 1888, foram "libertos", mas sem obter nenhum direito. Sua visão foi se tornando de servos para pessoas preguiçosas, que não queriam trabalhar etc. Assim, através dos anos, essa visão foi ganhando estrutura, criando assim o Racismo Estrutural, tratado por Luís Sílvio de Almeida.

As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus

componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA, 2019).

Almeida entrega em sua obra diversos exemplos de discriminação racial que por muito tempo foram aceitos na sociedade, tais quais diferença salarial, acusação criminosa e descaso com a vida.

No âmbito mundial, o racismo toma diferentes formas em situações que hoje são tidas como absurdas, como o fato de que nos Estados Unidos, tudo, desde escolas, banheiros e até lados nos transportes públicos eram separados por cor. Outros exemplos básicos como o tratamento dado aos Nativos Americanos tanto no Norte como no Sul do continente, a escravidão africana e o menosprezo dos ocidentais em relação aos orientais são construções sociais que deram força para o racismo.

Mesmo na atualidade, o dano causado por anos de discriminação ainda é presente, mesmo que de pouco a pouco, esteja sendo minado. É de se esperar que, todo o preconceito construído por tantos anos requeira também anos para ser dizimado.

“Não podemos esperar a igualdade do mundo para começar a nos sentir vistos. Estamos longe disso. Não dá tempo” diz Michelle Obama a estudantes negros durante o documentário “Minha História”.

XENOFOBIA

“Ninguém nasce odiando outra pessoa por sua cor da pele, sua origem ou sua religião. As pessoas podem aprender a odiar e, se podem aprender a odiar, pode-se ensiná-las a aprender a amar. O amor chega mais naturalmente ao coração humano que o contrário.”

-Nelson Mandela

Segundo o Portal Geledés, Xenofobia é uma palavra que se refere ao preconceito gerador de ódio, aversão, hostilidade, dentre outros sentimentos negativos aos estrangeiros. O resultado da xenofobia é a exclusão social e o desrespeito de um indivíduo de acordo com sua origem, sendo ela diferente daquele que comete o ato xenofóbico.

Xenofobia, no entanto, vai além dessa definição. Ela pode ser vista em atos diretos, como a recusa de se alugar uma casa, ou contratar um funcionário baseado em sua origem estrangeira ou crenças, e pode se mostrar em forma de um pensamento preconceituoso contra certo grupo, causando sentimentos de medo e rejeição.

Patrícia Sulbarán Lovera, uma repórter que fez para a BBC Mundo o artigo “¿Hablas Español?” trata das adversidades de se falar espanhol nos Estados Unidos, e dos

perigos que isso provoca devido à xenofobia, mostrando diversos dados preocupantes. A reportagem postada no dia 1º de novembro de 2019 conta com informações a respeito da discriminação.

Um dos casos, o mais recente do dia 3 de agosto daquele mesmo ano, reporta um homem que, acreditando na supremacia branca, invadiu um WalMart na cidade de El Paso e começou um tiroteio, matando vinte e duas pessoas e ferindo outras vinte. Seu motivo, era a prevenção de uma “invasão hispânica” no Texas.

As informações publicadas pela BBC indicam que houve um aumento significativo no fenômeno xenofóbico nos Estados Unidos. O número de crimes contra as pessoas latinas vem aumentando, até que, no ano de 2017, foram registradas 552 vítimas de crimes de ódio anti-hispânico de um total de 8.493, ou seja, 6,5% das vítimas eram hispânicas.

Somado a tudo isso, o artigo ainda informa que os incidentes considerados anti-hispânicos representam cerca de metade dos crimes de ódio étnico nos Estados Unidos a partir de 2004, segundo os dados revelados pelo FBI.

ESTEREÓTIPO OU REPRESENTATIVIDADE

O site Educa+ Brasil define estereótipo como “uma ideia preconcebida que acaba colocando as pessoas ou grupos sociais em ‘caixinhas’, criando rótulos, ditando seus comportamentos e padronizando sua imagem de forma bem preconceituosa”. Em outras palavras, uma visão social superficial de certa pessoa ou grupo.

Em outro tópico, Rani de Andrade define Representatividade como a expressão de interesses de determinado grupo na figura representante. No entanto, o autor também ressalta que a representatividade vai além disso, chegando a ser “parte da formação do que é o indivíduo que compõe esse grupo”.

Dito isso, tem sido comum ter uma visão de estereotipagem no marketing e na publicidade mundial, além de tentativas extraviadas de representatividade que acabam sendo apenas outra frustração para diversas pessoas que não se sentem confortáveis ou representadas pela imagem retratada. As mudanças vêm acontecendo aos poucos, porém, a confusão entre ambos os conceitos ainda atinge a mídia, se mostrando ainda em filmes,

séries e animações presentes tanto na TV aberta como na TV fechada, nas redes de *streaming* e nas redes sociais.

É através destas informações que os problemas começam a se desenvolver nas animações do Disney+. Agora que todos os conceitos foram esclarecidos e mostrados, além dos casos que exemplificam o racismo e a xenofobia, cumpre salientar que as animações analisadas foram lançadas em momentos específicos, e o que cada uma delas pode dizer uma coisa a respeito da visão hispano-americana em suas épocas correspondentes nos Estados Unidos.

CONTEXTO HISTÓRICO

A Walt Disney Company foi fundada por Walter Elias Disney e seu irmão, Roy Oliver Disney, em 16 de outubro de 1923, cinco anos antes da criação de seu personagem mais famoso, Mickey Mouse, em Los Angeles, Califórnia. Dali em diante, apenas dezenove anos depois, houve a primeira aparição de um personagem hispano-americano em uma de suas animações longa-metragem.

No ano de 1942, a Segunda Guerra Mundial ocorria, ressaltando que tal guerra apenas se torna Mundial neste ano, tendo em vista que anteriormente, se tratava apenas de duas guerras isoladas, até a Alemanha Nazista se voltar contra a União Soviética, e os japoneses atacarem Pearl Harbor em dezembro de 1941.

A partir de então, com o mundo envolvido, a Walt Disney Company produz a animação “Saludo Amigos” (1942) com o intuito de envolver a América Latina na guerra.

Desde então, os países hispano-americanos foram esquecidos pela empresa, que dali em diante passou por sua própria história. No entanto, isso era esperado. Na mesma época, o racismo estava em alta no país. Ataques eram vistos no cotidiano diariamente, e à parte dos povos hispano-americanos, diversos outros eram vistos como seres inferiores pela população.

Nessa época, principalmente os negros passavam por linchamentos, quase não tinham direitos e eram menosprezados pela população branca. Apenas na segunda metade da década de 1950, e em meados da década de 1960, líderes como Martin Luther King Jr. se ergueram para falar contra esses abusos, e assim iniciar movimentos antirracistas no país que tiveram um maior impacto.

“Pessoas oprimidas não podem permanecer oprimidas para sempre”.

-Martin Luther King Junior, Carta de uma prisão em Birmingham, 1963

Todavia, como ainda era um assunto polêmico na época, as grandes empresas não se posicionavam ou eram influenciadas por tais atitudes, inclusive a Walt Disney Company. Por esse motivo, qualquer personagem que não fosse baseado em uma pessoa branca, era sempre coberto de estereótipos preconceituosos e imagens negativas.

No ano de 2001 há uma pequena participação de uma personagem hispano-americana no longa-metragem animado “Atlantis, The Lost Empire”, ou como ficou conhecido no Brasil, “Atlantis, O Reino Perdido”. A personagem Audrey Ramirez, no entanto, ainda é deixada de lado no decorrer da obra (mesmo sendo dada como uma das protagonistas) e, novamente, coberta com estereótipos básicos do povo da visão norte-americana do povo hispano-americano. Audrey é uma boa personagem. É uma mulher forte, com um bom coração e atitude, sem limitações, por exemplo, de gênero. No entanto, a única personagem hispano-americana a aparecer em um longa-metragem animado da Disney em cinquenta e nove anos, é uma mecânica.

A profissão segue um estereótipo nos Estados Unidos, sendo menosprezada, mesmo que se trate de um trabalho digno e importante. A ideia entregue pela animação, é que por mais prodigiosa que a personagem seja, seu trabalho na equipe ainda é o único que é relacionada à sua raça pela visão estereotípica do país, o que poderia ter sido melhor trabalhado.

Anos depois, apenas na década de 2010, a Disney lança novas animações com a presença de personagens hispano-americanos, no caso, os anos respectivos de 2014, com “Big Hero 6”, no Brasil “Operação Big Hero”, 2017 com “Coco”, no Brasil “Viva, A Vida é Uma Festa” e 2021, com “Encanto”, cujo o título não se alterou. E apenas com essas produções é possível analisar personagens hispanos que quebram a antiga noção de estereótipo baseada em um racismo estrutural dos anos anteriores, ao desenvolver situações e personagens com diversos interesses e habilidades que não estão presas a uma visão superficial de sua origem.

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou

das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. (ALMEIDA, 2019).

FILMES COM MENSAGENS RACISTAS NA PLATAFORMA DE *STREAMING* DISNEY+

Desde o lançamento da plataforma de *streaming* Disney+ em novembro de 2019, a proposta foi clara: Deixar todo o catálogo da Disney e suas filiais disponível em um único serviço, contando com toda a história da empresa e todos os filmes, séries, documentários, animações dentre outros dos quais a empresa possui os direitos autorais.

Dessa forma, a Walt Disney Company fez um apanhado de tudo que a empresa já fez, contudo, isso também conta com as antigas animações lançadas nas décadas anteriores, onde o racismo estava presente em filmes populares até os dias atuais, como “Peter Pan”, “Dumbo”, dentre outros.

SALUDO AMIGOS

A primeira animação com a participação de personagens de referencial hispano-americano em um longa-metragem foi “Saludo Amigos”. No entanto, essa mesma animação foi a única, até a chegada do século XXI a apresentar tais personagens, e ainda assim, de forma errônea.

O filme, mesmo sendo considerado um longa-metragem, tem apenas 42 minutos de duração, o que é equivalente a um episódio de seriado comum na atualidade. Ele consta com a direção Wilfred Jackson, Jack Kinney, Hamilton Luske, Bill Roberts e Norman Ferguson, todos homens brancos que nasceram nos Estados Unidos.

A proposta do filme é a de fazer a “propaganda da boa vizinhança” na qual a equipe se reuniu e fez uma grande viagem para a América do Sul, em uma tentativa de entender melhor sua cultura e apresentar seus países para os Estados Unidos. Em teoria, criar uma fonte de pesquisa para revelar mais sobre os seus aliados de guerra.

De forma geral, é interessante que eles tenham tentado se dedicar a isto, e o filme, embora hoje considerado um dos “Esquecidos” da Disney, trouxe à luz um personagem que entrega muito carinho ao povo brasileiro, o famoso Zé Carioca.

A animação se divide em diferentes arcos, cada um se tratando de um país pré-selecionado da América do Sul, para onde são levados os personagens clássicos da Disney

tais como o Pato Donald e o Pateta interagem, embora o próprio Mickey Mouse esteja ausente da obra.

No primeiro arco, é possível ver o Pato Donald explorando os Andes e interagindo com povos nativos. O principal problema atraído nesse arco da animação, que é a sexta longa-metragem animada da Disney, é a forma com a qual o Pato Donald tem essa interação. Existem cenas retratando os nativos de forma caricata, entregando cenas de humor ao ridicularizar a capacidade cognitiva dos mesmos, ou até mostrando uma troca de Donald com um dos nativos de uma câmera velha e suas antigas roupas por trajes típicos, uma flauta e uma lhama.

Após o primeiro arco, encontra-se um arco de um aviãozinho chamado Pedro, que enfrenta dificuldades ao passar por uma tempestade no Chile. O arco dá toda a atenção ao personagem carismático e a certa paisagem do país, porém, ignora completamente qualquer tipo de civilização, cultura ou costumes das pessoas de lá.

O terceiro arco segue o personagem Pateta em Buenos Aires, onde ele aprende um pouco sobre como andar a cavalo e sobre o famoso churrasco argentino. É inclusive feita uma pequena comparação com o Texas nos Estados Unidos.

Ao tratar de representar a Argentina, porém, o narrador do filme deixa claro que a equipe não queria ficar na cidade, e sim explorar o interior. Algo comum para turistas, entretanto que de certa forma vai contra a proposta inicial do filme. A conclusão possui algumas mensagens desrespeitosa, como uma fala referente à relação dos gaúchos argentinos com seus cavalos, sendo feita uma paródia com o Pateta por um breve momento vendo seu próprio cavalo como um possível par romântico.

Por fim, o arco final é a apresentação do aguardado Zé Carioca, que ensina um pouco ao Pato Donald sobre os costumes brasileiros em pleno Carnaval no Rio de Janeiro, tendo destaque especial para o samba e até mesmo para a cachaça brasileira. Zé Carioca, como ele mesmo diz na animação, tem um jeito “malandro” que conquistou o afeto de vários telespectadores, sendo que ele retorna depois em outra produção, desta vez chamada de “Você Já Foi à Bahia?”, onde ele mostra mais do Brasil aos seus amigos.

É possível concluir que a animação, embora repleta de cores, e músicas que inclusive foram indicadas ao Oscar de 1943, está repleta de estereótipos, mensagens

racistas e o tratamento do povo sul-americano, especialmente aqueles que são hispanos, como se fossem pouco mais do que atrações turísticas, feitas para entreter os estrangeiros e com simples lados divertidos, bem-humorados e sem maiores preocupações, o que vai contra a própria promoção dos países como aliados de guerra. Em mais um adendo, esses mesmos personagens hispano-americanos não possuem falas durante toda a obra. Além do narrador, do Pato Donald e do Pateta, o único outro personagem com falas é o Zé Carioca, que não é hispano-americano.

Existe um argumento de que, pela animação ser para crianças e apenas um experimento no qual os próprios produtores e diretores passaram, era óbvio que esse seria o lado mostrado. No entanto, a Walt Disney Company também produziu curtas-metragens da turma do Mickey mostrando o esforço norte americano na guerra. Tal atitude não foi reproduzida para a representação da América do Sul no contexto histórico crítico em que se encontravam no ano de 1942.

A PRODUÇÃO DE FILMES COM PERSONAGENS HISPANO-AMERICANOS

Anos depois do lançamento de “Saludo Amigos” e de outras animações com personagens sendo representados com estereótipos racistas, a próxima aparição hispano-americana se dá no filme “A Nova Onda do Imperador”, do ano 2000, que retrata a época do extinto império Inca, mesmo que em uma área fantasiosa com inspiração no Peru.

No ano seguinte, é apresentada ao público Audrey Ramirez no filme de 2001 “Atlantis, O Reino Perdido”. Ela é uma personagem de pele escurecida, lábios grandes, cabelos crespos e baixa, com apenas dezoito anos.

Conforme comentado anteriormente, do ponto de vista feminino, a personagem é uma grande representante de força e independência, sendo uma personagem que mostra dedicação, empatia e carisma durante a obra. No entanto, do ponto de vista racial, a personagem é a única de origem hispano-americana, a primeira em mais de 50 anos, e representada como uma mecânica prodigiosa. Não há nada de errado com sua profissão ou com sua aparência, mas isso não deixa a animação isenta de mostrar sua única personagem com tal origem como uma explosão de estereótipos.

A história de origem de Audrey mostra que ela tem descendência mexicana, embora tenha nascido nos Estados Unidos, e ela e sua família gostariam de seguir com seus negócios, sendo que sua irmã se tornou uma lutadora e ela uma mecânica.

A imagem do estereótipo básico mexicano nos Estados Unidos é a de pessoas hispanas sendo mecânicas ou jardineiras, isso quando não são vistas de forma agressiva ou temerosa por ter cargos mais importantes, o que desperta o sentimento de xenofobia em diversos americanos. Um dos pensamentos mais comuns dessa linha de raciocínio seria um tradicional “esses hispanos estão invadindo nosso país para roubar nossos empregos”. Dessa forma, a Walt Disney Company produziu uma personagem hispana, dando a ela um arco, falas e impacto na história, infelizmente, nunca fazendo com que ela consiga se erguer acima de suas expectativas para tal.

Após mais treze anos de silêncio nas longas-metragens animadas, uma nova personagem hispano-americana foi apresentada em 2014, na animação “Operação Big Hero”. A personagem em questão se chama Honey Lemon, e é uma colega de laboratório do irmão do protagonista. Honey se mostra desde sua primeira aparição como uma pessoa carinhosa, inteligente e criativa, com a pele ligeiramente mais escura do que a dos demais personagens, cabelos lisos e loiros, óculos de grau e corpo magro.

Ao princípio, algumas pessoas fizeram comentários nas redes sociais a respeito de sua aparência, como “me chateia, pois ela não parece ser realmente hispana” ao que outras pessoas respondiam com “O que você esperava? Que ela usasse um sombreiro?” o que se traduziu para debates na internet a respeito da representatividade da personagem.

Honey se junta ao elenco principal como uma super-heroína, e sempre é destacada por sua inteligência, agilidade e força. Ela tem uma grande aptidão para química, desenvolve seu próprio traje e armas, e é apresentada com um grande leque de habilidades, desde sua expertise com idiomas, sendo fluente em inglês, espanhol e japonês, até suas criações como a “Chem Purse”, que lhe permite fazer combinações químicas apropriadas para cada situação.

Ambas as personagens, Audrey e Honey, são queridas pelo público que as conhece e possuem relevância em suas obras, além de serem diferentes, não apenas em aparência, como também em personalidade. Entretanto, sua maior diferença é a mesma diferença entre estereótipo e representatividade.

Na medida em que Audrey está atrelada à visão de trabalhos manuais que são imediatamente associados às pessoas hispanas pelos norte americanos, Honey entrega uma história completamente diferente, com a qual qualquer pessoa, especialmente aquelas de origem hispano-americana, podem se identificar.

A inclusão de uma pessoa no elenco principal do filme sem ideais preconceituosos foi um grande passo para a Walt Disney Company, com detalhes sutis tanto no longa-metragem como na série animada do universo de “Operação Big Hero” entregando mais para a personagem, lhe dando complexidade e carisma que a diferencia de outros retratados anteriormente a ela, não apenas Audrey, como personagens de outras raças, etnias e origens.

MEDIDAS TOMADAS PELA PLATAFORMA

O Disney+ é a única plataforma de *streaming* que possui em seu catálogo todo o histórico da Disney e de suas filiais disponível na atualidade. Desse modo, a plataforma se divide em diversas categorias, desde época, personagem ou tema, fornecendo acesso por todas as suas produções.

É de se esperar, porém, que medidas fossem tomadas em nome da inclusão racial e do racismo demonstrado em seus projetos mais antigos. Por esse motivo, a empresa se atentou a fornecer uma tela de aviso, sem possibilidade de avançar por um curto período de tempo, com um aviso legal a respeito da mensagem passada no filme.

A imagem é um fundo preto, e em letras brancas, é revelada a seguinte mensagem:

“Este programa inclui representações negativas e/ou maus tratos de pessoas ou culturas. Esses estereótipos eram incorretos na época e continuam sendo incorretos hoje em dia. Em vez de remover esses conteúdos, queremos reconhecer o impacto nocivo que eles tiveram, aprender com a situação e despertar conversas para promover um futuro mais inclusivo juntos. A Disney tem o compromisso de criar histórias com temas inspiradores e motivadores, que reflitam a diversidade da experiência humana no mundo todo.”

Após essa mensagem, a imagem também revela um link com os dizeres:

“Para saber mais sobre o efeito dessas histórias na sociedade, acesse www.Disney.com/StoriesMatter.

O link leva a um site oficial da Disney, onde os textos incluem todas as medidas que a empresa vem tomando para atingir produções com maior inclusão. O site informa do comprometimento da Walt Disney Company em revisar sua biblioteca, e aumentar a diversidade presente na mesma. Não só isso, como fica claro que a decisão de não remover as obras com mensagens racistas e/ou xenofóbicas foi pensada e considerada, fazendo com que as equipes iniciem diálogos a respeito da história que afeta a todos.

Ainda no site, a empresa reconhece que algumas comunidades foram apagadas ou até esquecidas de seus projetos, o que é o caso das culturas hispano-americanas, que ficaram sem aparecer em nenhuma animação de longa-metragem entre os anos de 2001 e 2014. Nesses treze anos, a Disney passava pelo que a mesma chamava de “Fase Experimental” responsável pela transição de filmes 2D para 3D, e nessa mesma época, mesmo que produzindo diversos filmes, poucos se destacaram.

A Fase Experimental não se focou em nenhum tipo de diversidade, o que não é de se surpreender uma vez que a empresa estava se reinventando. Apenas no ano de 2009 encontrou uma mudança de comportamento, com a produção de seu último longa-metragem 2D, “A Princesa e o Sapo”.

“Não podemos mudar o passado, mas podemos reconhecê-lo, aprender com ele e seguir adiante juntos para criar um amanhã que hoje só podemos sonhar a respeito.”

www.Disney.com/StoriesMatter (Tradução autoral)

Finalmente, o site informa que a Walt Disney Company reuniu um grupo de especialistas de fora da empresa para aconselhar os mesmos a respeito de como representar de forma concreta e precisa sua audiência global, tomando o devido cuidado com sua autenticidade.

Em um último adendo, a empresa também fornece a informação de que, por trás das telas, também tem ocorrido uma preocupação de produzir de maneira geral, com produtos que incluem livros, músicas e até experiências voltadas para a inclusão social. A Disney também fornece um tipo de bibliografia informando as equipes, organizações, ONGs e associações que estão participando do movimento.

“Histórias moldam como nos vemos e a todos à nossa volta. Então, como contadores de histórias, nós temos o poder e a responsabilidade de não apenas elevar e inspirar, como também conscientemente, propositalmente e implacavelmente desafiar o espectro de vozes e perspectivas no nosso mundo.”

storiesmatter.thewaltdisneycompany.com (Tradução autoral)

ANIMAÇÕES QUE NÃO POSSUEM *DISCLAIMER* SOBRE MENSAGENS RACISTAS OU XENOFÓBICAS CONTRA OS POVOS HISPANO-AMERICANOS

Ao iniciar uma produção no Disney+, as mais recentes não possuem alertas, sendo em sua maioria produzidas já com as equipes de auxílio com as que a Disney mantém contato. Animações tais quais “Viva, A Vida é uma Festa” contam com o elenco majoritariamente hispano-americano, e ainda mais recente, “Encanto” é o 60º longa-metragem animado da Disney, e foi exaltado pela crítica justamente por ser proativo e de fato representar a cultura colombiana.

O padrão observado, é o de que desde o filme “Zootopia” lançado em 2016, e “Moana”, do mesmo ano, a Disney realmente abriu suas portas para a representatividade além dos contos do Leste Europeu. Filmes que já retratavam personagens que não fossem brancos até então eram raros, porém desde aquela data, os lançamentos foram consecutivos, com filmes saindo no mesmo ano como “Encanto” e “Raya, O Último Dragão” retratando duas culturas completamente diferentes. Filmes ainda mais novos como “Lightyear” de 2022 possuem personagens importantes com diferentes etnias e orientações sexuais.

Essas animações passaram pela avaliação das equipes da Disney e mostram claramente a diferença da empresa hoje, de como ela foi há anos atrás. Onde antes uma personagem hispano-americana só poderia ser uma mecânica ou lutadora livre, agora existe sua retratação, apresentando os hispano-americanos como cientistas, heróis, famílias com diferentes especialidades, dilemas e objetivos. O preconceito racial foi deixado de lado, e os personagens recebem o devido destaque independente de sua origem.

[...] uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus efeitos (ALMEIDA, 2019).

VIVA, A VIDA É UMA FESTA

No ano de 2017, “Coco”, ou como é conhecido no Brasil, “Viva, A Vida é uma Festa” é lançada pela Disney com parceria com a Pixar primeiro no México, país onde a história se passa, no dia 20 de outubro, chegando nos cinemas dos Estados Unidos apenas no dia 22 de novembro.

O filme retrata uma história emocionante acompanhando o protagonista, Miguel Rivera, que sonha em ser músico, contra os desejos de sua família, uma vez que anos atrás, sua tataravó Amelia foi abandonada pelo marido músico, e precisou se esforçar para criar sua filha, Inés (no idioma original, Coco) assim abrindo os negócios da família fazendo sapatos.

Miguel encontra uma antiga foto, que mostra sua tataravó Amelia, sua bisavó Inés, e seu avô, cujo rosto foi rasgado do retrato, em que o homem segurava a guitarra do ídolo de Miguel, Ernesto de la Cruz. Achando que seu tataravô era o músico, Miguel entra em conflito com sua família para poder tocar, e se vendo sem um violão para entrar no concurso de talentos na noite do dia dos mortos (“El día de los Muertos”), ele decide que sua única opção seria recuperar o violão de seu suposto tataravô, de dentro de seu jazigo.

Miguel é amaldiçoado e acaba indo parar no mundo dos mortos, precisando de uma bênção de sua família para poder retornar ao mundo dos vivos. Amelia tenta fazer com que Miguel jure nunca mais tocar, o que não é uma opção para o menino, que então decide alcançar o próprio Ernesto de la Cruz para conseguir a bênção.

Miguel encontra Héctor, um homem que não consegue fazer a travessia para o mundo dos vivos, uma vez que não lhe foram feitas oferendas e sua foto não foi posta em nenhum santuário. Héctor concorda em ajudar Miguel, contanto que ao retornar, Miguel adicione uma foto, para que ele possa andar pelo mundo dos vivos uma vez mais, como diz a cultura mexicana.

A Disney entrega o filme com uma série de cenas animadas, coloridas e divertidas, mostrando um contraste com cenas relativamente mais tristes, como por exemplo, quando um velho amigo de Hector é esquecido, e mais uma vez morre, sem saber para onde ele teria ido dali em diante. A aventura segue mesmo com Hector e Miguel brigando por falta de honestidade de ambas as partes e se separando.

Neste meio tempo, Miguel alcança Ernesto, e mesmo que a princípio tudo pareça perfeito, o filme revela uma das grandes reviravoltas que já deixaram a empresa famosa. Ernesto em vida assassinou Hector, roubando suas músicas e violão, enquanto o Hector queria retornar para casa, para sua esposa Amélia e sua filha, Inés (Coco).

Deste momento em diante, a família Rivera (ou pelo menos, aqueles que estão mortos) se reúnem com a missão de mandar Miguel de volta para o mundo dos vivos com a foto de Hector, seguindo uma frenética sucessão de eventos e confrontos, que se concluem com a foto se perdendo, Ernesto sendo desmascarado para todo o mundo dos mortos e Hector na beira do esquecimento quando manda Miguel de volta.

A triste e inspiradora música “Recuérdame” (No título original “Remember Me” e na versão dublada brasileira “Lembre de Mim”) faz com que Inês se lembre do pai mais uma vez, e o filme se conclui com os Rivera novamente aceitando música, e Miguel aprendendo valiosas lições, como a importância de sua família e sua união.

O filme inteiro possui um incrível cuidado ao retratar o maior feriado do México. Mesmo em sua versão original, em inglês, diversos termos são utilizados em espanhol, as placas e rótulos do filme estão também escritos em espanhol e a animação tem um incrível foco e produção impecável (falando de forma técnica) ao retratar trajes mexicanos clássicos, estruturas arquitetônicas e características variadas do povo. Tudo com um toque fantasioso da interpretação da empresa que ressalta características culturais fortes e faz algumas referências bem colocadas, por exemplo, à participação de Frida Kahlo.

Não apenas isso, mas os cenários são retratados, assim como os personagens, como vivos ou perto de esquecidos, sendo que as estruturas coloridas e com luz retratam as ruas e cidades do México, à medida em que as áreas esquecidas possuem traços da arquitetura Asteca, levando em conta que de forma geral, o foco histórico do país se dá apenas após a chegada dos espanhóis, deixando essa parte da história local relativamente “esquecida”.

Os personagens foram todos construídos levando em consideração diversos fatores. Eles são complexos, com medos, sonhos, mágoas e alegrias. Pequenos gestos mostram sua índole, como Ernesto em vista de um possível perigo posicionando Miguel, uma criança, à sua frente, ou Héctor e Amelia escolhendo mandá-lo de volta ao mundo

dos vivos, independentemente de estar com a foto ou não para salvar Héctor, o que retrata o sacrifício que foi feito pela família.

Todos os aspectos apresentados fogem do estereótipo, não são ridicularizados e ainda assim, possuem diversas cenas de alívio cômico em meio a uma produção que fala sobre superação, sonhos, união e aceitação.

O roteiro é de Adrian Molina, o mexicano também é diretor, codiretor e criador da ideia original. A Pixar também disponibilizou alguns de seus melhores produtores e compositores para o filme, mesmo que não tivessem origem hispana, enquanto o elenco também foi, majoritariamente, ou hispano-americano, ou descendente de tal.

O filme quebrou recordes de bilheteria sendo um sucesso absoluto, agradando seu público geral, superando 500 milhões de dólares de lucro, passando outros filmes famosos da Pixar, tais como “Wall-E”, “Valente” e “Vida de Inseto”.

ENCANTO

Alguns anos após o lançamento de “Viva, A Vida é uma Festa”, em 2021, a Disney lança o premiado filme “Encanto”, que venceu o Oscar e o Globo de Ouro por “Melhor Animação” e foi nomeado para os Oscar de “Melhor Trilha Sonora” e “Melhor Música Original”. Também venceu o BAFTA Awards e o EDA por “Melhor Animação”. O EDA também entregou o prêmio de “Melhor personagem feminina animada” para Mirabel, a protagonista interpretada por Stephanie Beatriz. Existem ainda mais prêmios que foram entregues ao filme que se passa na Colômbia.

Assim como “Saludo Amigos” foi a 6ª animação de longa-metragem da Disney, “Encanto” foi a de número 60. Atitudes tomadas pela empresa garantiram que as vozes do filme em sua versão em espanhol fossem 100% colombianas, além de que diversos dos atores que participaram da dublagem original retornaram para seus papéis também em espanhol, como a atriz e apresentadora María Cecilia Botero, que interpreta a Abuela Alma, Angie Cepeda, que interpreta Julieta Madrigal, a atriz Carolina Gaitán, que interpreta Pepa Madrigal e o ator Mauro Castillo, que interpreta Félix. Além disso, o filme possui músicas de Lin-Manuel Miranda, um artista que é cantor, produtor, diretor, compositor dentre outras especialidades, de origem porto-riquenha.

Como o filme se passa na Colômbia, toda a equipe de produção viajou para as cidades de Bogotá, Cartagena, Barichara, Salento, Palenque e o Valle de Cocora, incluindo no resultado final do filme um dos lugares aos quais foram apresentados, o rio Caño Cristales, considerado como um dos rios mais bonitos do mundo.

A animação acompanha a Família Madrigal, uma família que encontrou refúgio em seu “Encanto”, um local protegido depois que se viram forçados a fugir de suas casas. Observando os detalhes entregues pelo filme, é possível fazer a associação de que a época na qual o mesmo se passa é no meio do século XX, fazendo com que o motivo de tanto a Família Madrigal como as pessoas, da mesma aldeia que a Abuela Alma, tivessem que se refugiar, fosse o evento histórico da “Guerra dos Mil Dias” ocorrida entre 1899 e 1902. Dessa forma, considerando a passagem do tempo, o filme deve se passar por meados de 1950, anos após esse evento.

A Família Madrigal possui uma vela que presenteia seus membros com um dom mágico, até chegar a vez da protagonista, Mirabel, que quando criança não recebeu tal presente e teve que crescer em meio aos seus parentes “especiais” enquanto ela era “não-especial”.

O filme se situa em um arco no qual, após o pequeno Antônio receber seu dom de falar com animais, a magia, o Milagre do Encanto está em perigo e morrendo, e ninguém além de Mirabel parece se preocupar.

Em busca de respostas, somos apresentados a músicas como “The Family Madrigal”, e o filme segue um ritmo alegre, até sermos apresentados ao solo de Mirabel na música “Waiting on a Miracle”, que mostra o quanto a protagonista se sente excluída do resto da família. Durante sua busca para salvar o milagre, Mirabel aprende sobre seu “Tio Bruno” na música “We Don’t Talk About Bruno”. Bruno foi isolado por ver o futuro e ser considerado um mau agouro, já que todas as coisas tanto boas como ruins que ele previa aconteciam, até o ponto em que ele mesmo desaparece de sua casa.

Mirabel também aprende que, mesmo que sua vida tenha sido difícil, as vidas de suas irmãs, Luísa e Isabela, não eram tão boas quanto pareciam. O filme tem foco completo na relação entre familiares, na pressão que Luísa sente por ter que proteger a todos, na necessidade que Isabela tem de ser perfeita para trazer orgulho e segurança para

a família, ambos conflitos que são respectivamente abordados pelas músicas “Surface Pressure” e “What Else Can I Do”, mostrando que Mirabel não era a única que sofria.

O filme ainda traz uma lição, após perderem tudo, quando o Milagre desaparece, os poderes se vão e a “Casita”, a casa Madrigal que estava viva (quase como o castelo de “A Bela e a Fera”) é destruída. Mirabel faz as pazes com sua Abuela Alma, assim mostrando que o verdadeiro milagre não eram os poderes, e sim a família reunida.

Na cena em que a Abuela Alma conversa com Mirabel na beira do rio Caño Cristales, a música “Dos Oruguitas”, escrita por Lin-Manuel Miranda e que foi indicada ao Oscar retrata a história da origem do Encanto, a fuga, a morte do “Abuelo Pedro” quando os irmãos trigêmeos Julieta, Pepa e Bruno eram ainda bebês. O sacrifício de Pedro criou o Encanto, Alma lhe havia pedido por um milagre, e em suas próprias palavras ela disse “Eu pedi a Pedro por um milagre, e ele me mandou você” [I asked Pedro for a miracle, and he sent me you] para Mirabel.

O filme se encerra com a Família Madrigal reconstruindo sua casa, com a ajuda de toda a cidade que eles auxiliavam e protegiam diariamente, e apenas quando Mirabel realiza o ato de posicionar a maçaneta na porta da frente, o Encanto retorna, representando novamente que a união e inclusão da família são os verdadeiros milagres, e não os seus poderes.

A precisão histórica e cultural é levada a sério e alinhada de forma exemplar durante o filme. Referências, cuidados com a animação e representações estão intrincadas na trama. Um exemplo básico disso é como anteriormente Isabela, que tem os poderes de fazer plantas crescerem, só cultivava videiras e rosas perfeitas. Ironicamente, rosas não são flores colombianas, e apenas durante sua música, ela passa a se libertar, e assim criar plantas que ela quer, com cores vibrantes, cactos, suculentas, árvores como jacarandás e, em geral, plantas nativas da América do Sul. Isso pode ser uma observação sutil de como anteriormente, a visão que se tinha de perfeição era muito “europeia” e “branca”, passando a mostrar que a verdadeira forma, seja ela “imperfeita” ou apenas diferente, é muito mais atraente.

O filme também mostra diversas borboletas em sua composição; elas aparecem escondidas em roupas, no cenário e na vela que representa o Encanto. A Colômbia é o

país com maior número de borboletas no mundo, e no país elas carregam a simbologia de mudança, felicidade e esperança.

A diversidade racial no filme também é digna de nota. A Colômbia, assim como outros Países da América Latina, possui uma grande variedade de tons de pele em meio à sua população, dessa forma, o filme retrata pessoas com diferentes tonalidades, com a maioria pendendo para cores mais escuras, que são de fato mais comuns no País.

Toda a produção do filme não é voltada para uma crítica social aberta contra o racismo, apenas algumas nuances informam o conhecimento da equipe a respeito do passado, e assim os detalhes entregaram o conteúdo do filme, proporcionando uma experiência completa, com diversão, humor, músicas, emoção, desenvolvimento e construção de personagem.

CONCLUSÃO

“A mudança não chegará se esperamos outras pessoas ou outro tempo. Somos nós mesmos os que estávamos esperando. Somos a mudança que buscamos”.

-Barack Obama, Museu Cultural Afro-Americano de Washington (Tradução Online)

A sociedade evolui com o tempo. As pessoas crescem e se revoltam contra injustiças. Um dia, foi comum que a cor da pele fosse razão para denegrir a imagem de qualquer indivíduo, para tirar sua liberdade e dignidade. Já foi comum que pessoas, por serem diferentes, fossem escravizadas, mortas, excluídas e agredidas.

As redes de entretenimento refletem esses tempos, tanto quanto os tempos atuais. Querendo ou não, a audiência é influenciada pelo conteúdo com o qual entra em contato, especialmente as obras de sucesso. A comunicação passada por tais obras reflete não apenas as opiniões e o investimento daqueles que trabalham nessas produções, mas também aqueles que as organizam e financiam.

A Walt Disney Company, assim como outras empresas, passou por todas essas fases em conjunto com seu público, atendendo à demanda e o humor de cada época. Seus trabalhos sempre alcançaram pessoas de todas as idades, e se expandiu pelos anos até que seus personagens tenham se encontrado ao redor de todo o mundo, por vezes, fornecendo histórias que agradam os nativos, e em outras, não tanto.

A empresa passou por diversas críticas, dificuldades e obstáculos, precisando se reinventar através das décadas, até chegar no ponto em que se encontra hoje.

A Disney fez uma escolha, e a divulgou para que todos a vissem: não esquecer o passado, e sim aprender com ele. Medidas como o Stories Matter resultaram no que hoje vemos como animações de longa-metragem cheias de vida, representatividade, respeito e precisão cultural. O estudo e desenvolvimento dessas histórias alcançaram o objetivo de expandir a diversidade apresentada nas telas. As culturas que foram esquecidas, agora presentes no catálogo da rede de streaming Disney+, acompanham as mais de 221 milhões de pessoas que assinam o serviço, atualmente, mais do que as pessoas que assinam a Netflix.

A própria Disney se declara como uma empresa de contadores de histórias, sem intenção de prejudicar qualquer pessoa ou cultura enquanto espalha entretenimento pelo globo. A empresa compreende a importância e o impacto que tem no mundo.

Tendo em vista os crimes racistas e xenofóbicos que ainda ocorrem, especialmente nos Estados Unidos, o país de origem e onde se localiza a sede da Disney, espalhar mensagens de igualdade e tratar culturas mundiais com inclusão e respeito são ações inteligentes e avançadas, seguindo a demanda por mudança dos antigos hábitos.

Entende-se que a Disney não é nem benigna nem maligna. Como qualquer rede de negócios, seu objetivo é gerar lucro. Com milhares de funcionários e popularidade crescente, é de se esperar que o estúdio tanto quanto a linha de parques, resorts e indústria estejam atualizados quanto ao conteúdo que vai ou não fazer sucesso. A história é escrita por vencedores, logo, é uma vitória que culturas como a maori, filipina, japonesa, e obviamente, mexicana e colombiana estejam sendo mostradas com cuidado e respeito em seus filmes.

A luta contra o racismo vem ocorrendo há anos, e ver grandes nomes tais como a Disney se unindo a ela, mostrando a inclusão de pessoas de diversas raças, etnias, orientações sexuais e religiões é um sinal claro de que essa luta está alcançando novos patamares. Vê-se que hoje a inclusão é motivo para celebração daqueles que se sentem representados e felizes com sua cultura sendo apresentada de forma positiva ao mundo. Seguindo essa evolução, em breve essa inclusão não será motivo para se celebrar, será apenas natural e parte do cotidiano.

A pesquisa mostra que o caminho ainda é longo. Mudança só pode vir através de tempo. Quebrar a imagem que se tem dos diversos povos que foram oprimidos durante anos criando o Racismo Estrutural é um trabalho complexo, que só pode ser alcançado com incansáveis projetos e obras sendo feitas para dissuadir as pessoas de terem crenças racistas.

Ao comparar “Saludo Amigos” com “Encanto”, anteriormente todos os personagens apresentados em países hispano-americanos nem ao menos tinham falas, e agora são personagens complexos, desenvolvidos, com sentimentos, diálogos e conflitos que revelam histórias, como a Disney promete contar, incluindo diferentes pessoas com diferentes personalidades em seu meio. Filmes como os analisados estão repletos de músicas que divertem desde as crianças até os adultos. A música “We Don’t Talk About Bruno” de “Encanto” ainda passou “Let it Go” de “Frozen”, que foi uma das músicas mais tocadas em seu ano de lançamento. A música de “Encanto” atingiu o primeiro lugar no “Billboard Hot 100”, quebrando recordes e mostrando o quanto a popularidade do filme atingiu diversas pessoas ao redor do mundo.

Os números são apenas parte disso. As redes sociais entram em polvorosa com as ações da Disney e, assim, a questão racial ganha força para aqueles que buscam pela igualdade, seja de forma direta ou indireta. As informações passadas pelas longas-metragem animadas, sejam elas apresentadas no cinema ou nas redes de *streaming*, possuem um impacto, seja ele intencional ou não, refletindo a sociedade atual, e o caminho que a mesma está seguindo para um futuro mais inclusivo.

REFERÊNCIAS

- MARTUCCI, Mariana. *Disney+ emite “alerta de racismo” em clássicos como Peter Pan e Dumbo, 2020.*
- LOVERA, Patricia Sulbarán. *BBC Mundo, “¿Hablas Español?”*
- ZACHARY, Brandon. *Disney: A Donald Duck Film helped keeping Latin America an ally during World War II, 2021.*
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.*
- CARMICHAEL, S. e HAMILTON, C. *Black power: the politics of liberation in America.* New York, Vintage, 1967.
- WERNECK, Jurema. *Racismo Institucional, uma abordagem conceitual, Geledés – Instituto da Mulher Negra, 2013.*
- SANTANA, Esther. *Estereótipo, Educa+ Brasil, 2020*
- ANDRADE, Rani. *Politize, Representatividade: O que isso significa? 2020*
- https://disney.fandom.com/pt-br/wiki/Categoria:Personagens_hisp%C3%A2nicos
- https://www.geledes.org.br/mas-afinal-o-que-e-o-racismo-por-tatiana-cendron-fortes-rabello/?gclid=Cj0KCQiA5NSdBhDfARIsALzs2EA3ZIZRrOD8Z17Q-WMS2eyVLwe4jErOaK2jirEPINZuP8sEuAIwvEsaApe2EALw_wcB
- https://racismoinstitucional.geledes.org.br/o-que-e-racismo-institucional/?gclid=Cj0KCQiA5NSdBhDfARIsALzs2ECZdfCY4MZ5NKGaLXDTL93Wzho9RZoFjSN5Ju4SUUFe62djNvRFFcIaArBOEALw_wcB#_ftn1
- https://www.geledes.org.br/xenofobia-definicao-fatores-de-risco-e-prevencao/?gclid=CjwKCAiAqt-dBhBcEiwATw-ggPFacpHSKbEjuVZ7aqtGAKgj8RUCR5BXpZw7_Y4bQO_vneEPOfr7GRoCYegQAvD_BwE
- <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/sociologia/estereotipo>
- <https://www.politize.com.br/representatividade/>
- [https://atlantisthelostempire.fandom.com/wiki/Audrey_Ramirez#:~:text=%2Dreversible\)%201912.-,Background,clock%20in%20the%20Ramirez%20household](https://atlantisthelostempire.fandom.com/wiki/Audrey_Ramirez#:~:text=%2Dreversible)%201912.-,Background,clock%20in%20the%20Ramirez%20household)
- www.Disney.com/StoriesMatter
- <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-206775/creditos/>
- <https://disney.com.br/filmes/encanto>
- <https://www.imdb.com/title/tt2953050/awards/>

- <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/colombiana-e-guardia-da-maior-colecao-de-borboletas-do-mundo/>
- <https://www.tudocelular.com/mercado/noticias/n194103/disney-supera-numero-assinantes-netflix.html#:~:text=Dentre%20todas%20as%20suas%20plataformas,lideran%C3%A7a%20no%20mundo%20dos%20streamings.>